

DISCURSIVIDADES JORNALÍSTICAS E VIOLÊNCIA SIMBÓLICA A TRAVESTIS DO SUL E DO EXTREMO SUL DA BAHIA

Aline Sousa de Oliveira¹⁷
Helânia Thomazine Porto¹⁸

RESUMO

Diante do contexto social contemporâneo, em que uma parcela da população se mantém ativa na luta para romper com os parâmetros patriarcais, o sexismo e o machismo; uma outra, posiciona-se contra os direitos humanos, reproduzindo violência física e/ou simbólica, por vezes, transversalizada no jornalismo. Nesse contexto enunciativo, considera-se que o texto jornalístico além de sua função informativa pode promover direitos humanos e cidadania; entretanto, observa-se, em muitos casos, o inverso dessa finalidade. Nesse sentido, questiona-se acerca das violências simbólicas/discursivas em noticiários do jornalismo policial do *Liberdade News: a força da notícia*, um dos *web jornais* que circulam na Bahia, quando informa sobre os crimes cometidos às travestis do sul e do extremo sul da Bahia, um dos grupos mais vulneráveis no âmbito da criminalidade brasileira. Por objetivo principal elege-se: analisar, tendo como fundamentos teórico-metodológicos a *filosofia da linguagem*, de Mikhail Bakhtin (1977), a *arqueologia do saber*, de Michel Foucault (1990) e a *linguística textual*, de Costa Val (1991), as manchetes e notícias do jornalismo policial atentando-se para o recrudescimento de violência de gênero nessas discursividades. A construção do *corpus* de análise se deu na plataforma do *Jornal Liberdade News*, em que se catalogou 14 notícias veiculadas entre o período de 2010 a 2020, com vistas a descrever como essa mídia pode materializar, ainda que não intencional, um sistema de exclusão que se respalda no patriarcado e no machismo estrutural.

Palavras-chave:

Jornalismo Policial. Web jornalismo. Violência discursiva. Travesti.

¹⁷ Estudante do IX semestre do curso de Letras: Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa - UNEB, no Departamento de Educação - Campus X. E-mail: alinesoer@outlook.com.

¹⁸ Professora e pesquisadora da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, no Departamento de Educação - Campus X. Doutora em Ciência da Comunicação: processos midiáticos, pela UNISINOS - RS. Membro do Grupo de Estudos Interdisciplinares em Cultura, Educação e Linguagens - GEICEL (CNPq/CAPES/UNEB), do Grupo de Pesquisa Processos Comunicacionais: epistemologia, midiaticização, mediações e recepção - PROCESSOCOM (CNPq/CAPES/UNISINOS) e da Rede AMLAT (América Latina: Comunicação, cidadania, educação e integração latino-americana) E-mail: hthomazine@hotmail.com.

ABSTRACT

In view of the contemporary social context, in which a portion of the population remains active in the struggle to break with patriarchal parameters, sexism and machismo; another, stands against human rights, reproducing physical and / or symbolic violence, sometimes transverse in journalism. In this enunciative context, it is considered that the journalistic text, in addition to its informative function, can promote human rights and citizenship; however, the reverse of this purpose is observed. In this sense, it is questioned about the symbolic / discursive violence in the news of the police journalism of *Liberdade News*: the force of the news, one of the web newspapers that circulate in Bahia, when it informs about the crimes committed to the transvestites of the south and the extreme south of Bahia, one of the most vulnerable groups within the scope of Brazilian crime. The main objective is to: analyze, having as theoretical and methodological foundations the philosophy of language, by Mikhail Bakhtin (1977), the archeology of knowledge by Michel Foucault (1990) and the textual linguistics, by Costa Val (1991), the headlines and news from police journalism focusing on the upsurge of gender violence in these discursivities. The analysis corpus was built on the *Jornal Liberdade News* platform, where 14 news items from 2010 to 2020 were cataloged, with a view to describing how this media can materialize, even if not intentionally, a system of exclusion that it is supported by patriarchy and structural machismo.

Keywords:

Police Journalism. Webjournalism. Discursive violence. Transvestite.

Introdução

Ao longo da evolução da sociedade e da cultura, as tecnologias vêm penetrando no cotidiano de tal maneira que nem sempre se percebe a profundidade das mudanças que provocam, tão integradas que estão no cotidiano de cada pessoa, particularmente no período de acelerada mudança tecnológica e de comunicação globalizada, do século XXI.

Entretanto, constata-se que se vivenciam duas situações paradoxais: de um lado, a inserção dos sujeitos nas tecnologias de processamento e transmissão de informações em redes digitais de múltiplos formatos e, de outro, um retrocesso quanto a posicionamentos políticos e enunciativos, muitos carregados de ideologias excludentes, sem falar das *Fake News* produzidos pelo “Comitê do ódio”, na atual conjuntura da política brasileira.

A mesma tecnologia que permite a transmissão mais rápida de informações, de forma plural e interconectada, conseguindo um alcance significativo de público ao mesmo tempo, independentemente do local de sua produção, tem colaborado no reforço de preconceitos, como o caso do

discurso transfóbico, divergentes de bandeiras e pautas cidadãs e dos direitos humanos.

Diante do contexto social contemporâneo, em que uma parcela da população se mantém ativa na luta para romper com os parâmetros patriarcais, o sexismo e o machismo; uma outra, posiciona-se contra os direitos humanos, reproduzindo violência física e/ou simbólica, por vezes, transversalizada no jornalismo. Considera-se que o texto jornalístico além de sua função informativa pode promover direitos humanos e cidadania, entretanto, observa-se, muitas vezes, o inverso dessa finalidade.

Nesse sentido, questiona-se acerca das violências simbólicas/discursivas em noticiários do jornalismo policial do *Liberdade News: a força notícia*¹⁹, um dos *web jornais*²⁰ que circulam no extremo sul da Bahia, quando informa sobre os crimes cometidos em travestis do sul e do extremo sul da Bahia, um dos grupos mais vulneráveis no âmbito da criminalidade brasileira.

Essa problemática diz respeito aos aspectos simbólicos inseridos em enunciações, diagramações e em vocabulários que estruturam as reportagens que informam sobre violências sofridas por travestis. Nesse sentido, a construção do *corpus* de análise se deu na plataforma do Jornal *Liberdade News*, em que se catalogou 14 notícias veiculadas entre o período de 2010 a 2020, com vistas a descrever como essa mídia pode materializar, ainda que não intencional, um sistema de exclusão que se respalda no patriarcado e no machismo estrutural. Tem-se por objetivo principal analisar, conforme a perspectiva teórico-metodológica da *filosofia da linguagem*, da *arqueologia do saber* e da *linguística textual*, os conteúdos simbólicos em enunciados de notícias do jornalístico policial atentando-se para o recrudescimento de violência de gênero nessas enunciações.

¹⁹O jornal é acessado no link <<https://liberdadeneWS.com.br/>>. Trata-se de um jornal online com notícias e conteúdos diversos, organizados em seções de Política, Polícia, Esporte, Cultura, Saúde, Educação, Ciência, Tecnologia e Economia. Há também o *Inbound Marketing* que é uma série de ações online que têm como objetivo atrair tráfego para um site e trabalhar esse tráfego de forma a se converter em Leads ou consumidores efetivos dos seus produtos ou serviços, que se sobrepõe as seções.

²⁰ Adota-se o entendimento de Jorge (2015) quanto às diferentes terminologias usadas para denominar o jornalismo na internet, portanto, como sinônimos, empregam-se *jornalismo online*, *webjornalismo* ou *ciberjornalismo*, considerando que o marco de quaisquer dessas nomenclaturas seria o uso da internet para veicular conteúdo noticioso.

Linguagem, Cultura e Ensino

A presença da violência simbólica nessas enunciações será refletida, conforme as proposições dos seguintes objetivos específicos: identificar os fatores de textualidade que incidem sobre a preferência de estruturação discursiva que reproduz a morte de travestis como valor-notícia; verificar como essa gramática textual tem sustentado a construção de chamadas dos noticiários; interpretar os fatores de textualidades que incidem na construção desses discursos enunciativos sobre violências contra a população travesti. Pois, compreende-se o jornalismo como um tipo distinto de atividade social que envolve produção, transmissão e recepção de formas simbólicas, o que implica a utilização de diversos recursos tecnológicos e linguísticos com vistas ao seu consumo imediato.

O discurso jornalístico pode configurar pensamentos e ações; logo, acirrar desigualdades ou promover cidadania, a partir da forma como tem sido construído. Sendo o discurso jornalístico a materialização de parte da cultura, como tal, deve fornecer ao público um referencial que lhe permita atribuir sentido mais coerente aos fatos, assumindo um fazer jornalístico mais humanizado, ou seja, mais cidadão.

Defende-se, apoiada nos estudos de Oliveira (2018), que se pode fomentar um *jornalismo humanizado*, que em linhas gerais, diz respeito a um fazer noticioso que busque auxiliar o debate social sobre questões que envolvem direitos humanos e mudança social no que concerne à desmoralização dos/das cidadãos/ãs. O que demanda que o jornalista esteja disposto a “captar, ver e enxergar, ouvir e escutar, questionar e sentir” para que possa assumir uma “postura de curiosidade e descoberta, e de humildade para sentir as dores do mundo” (p. 133), potencializando as discussões acerca de violência de gênero, por conseguinte contribuindo para que o público tenha uma formação cidadã.

Tendo em vista o gênero notícia jornalística do *web jornal Liberdade News*, elegeram-se como *corpus* os enunciados de apresentação de 14 notícias. Adotando-se como metodologia uma arqueologia do discurso nesse gênero textual, fundamentada na *filosofia da linguagem*, de Mikhail Bakhtin (1977), na *arqueologia do saber* de Michel Foucault (1990) e na *linguística textual*, de Costa Val (1991). Para a mineração dos dados do *corpus*, adotou-se como tecnologia o aplicativo *Voyant Tools*²¹, que é

²¹ Aplicativo lançado em 2003, de acesso gratuito, disponível na plataforma <<https://voyant-tools.org/>>.

baseado em códigos abertos para a análise de texto via web. Além da sistematização de dados, por uma abordagem quantitativa, o referido aplicativo gera um conjunto de gráficos ilustrativos que possibilitam uma leitura visual das redes de sentidos geradas das correlações de sentidos intertextuais.

O texto jornalístico além de sua função informativa pode aparelhar e acentuar a violência simbólica, nesse sentido, questiona-se: - *Como o enunciado jornalístico pode recrudescer as violências de gêneros? Ao se realizar enunciados de reportagens que tratam da violência de gênero, retoma-se a defesa de que o jornalismo tem uma responsabilidade social, portanto, a preferência pela violência simbólica pode ser um *habitus* do jornalismo. Assim, ao se identificar essas contradições nessa mídia, especificamente o não reconhecimento da travesti com pessoas de direitos iguais, pergunta-se: - *O que tem fomentado a manutenção de discursos excludentes, quando se trata de corpo-travesti em situação de agressão física?**

Nesse sentido, analisa-se as notícias de agressões a *travesti*, avaliando-se o referido jornal deixa de cumprir sua função cidadã, como deixa de promover enfrentamentos à violência de gênero (transfobia) e fomentar posicionamentos mais críticos pelo público; o alto índice de assassinato de trans e travesti no Brasil.

As discursividades dessa mídia, quanto às escolhas de termos para tratar dos crimes em corpos travestis, são interpretadas quantitativamente, por meio de “mineração de dados” no aplicativo *Voyant Tools*.

1 Fatores de textualidades e a construção da notícia

Noticiar um acontecimento é um processo que envolve certas rotinas e protocolos. A empresa jornalística é composta por um conjunto de profissionais em que o editor ocupa o papel central. Cabe a ele avaliar as notícias e propor o aceite ou não de temas a serem tratados, esses devem estar de acordo com a linha editorial do órgão de comunicação para a qual o jornalista trabalha. Nesse sentido, requer que esse profissional tenha preparação intelectual deontológica e experiência para construir notícias.

Linguagem, Cultura e Ensino

A especificidade do texto jornalístico tem sua motivação com a comercialização dessa atividade, que se deu com a urbanização e consolidação da indústria no ocidente, fomentando, assim, uma forma de relatar e informar, preferencialmente por uma oralidade e escrita objetiva, centrada nos fatos, distanciando-se das marcas da subjetividade do autor.

No século XIX tem-se também o surgimento de um conjunto de gêneros textuais no contexto do jornalismo (notícia, reportagem, publicidade), que exigiu a convenção de normas organizacionais, de narrativas, juntamente o aparecimento de profissionais habilitados para cada tipo de enunciação. Pouco a pouco, o jornalismo foi galgando um modo produção textual. Assim também determinantes culturais passaram a moldar o modo como os jornalistas escreviam acerca de crimes, por exemplo. Uma série de elementos e de regras passaram a definir um gênero jornalístico do outro. Assim, a “própria escrita tornou-se estereotipada, eliminando cuidadosamente tudo o que exija esforço, obedecendo aos imperativos da circulação alargada a uma massa indiferenciada, definida mais como alvo do que como sujeito da palavra esclarecida” (RODRIGUES, 2006, p. 32).

Reconhece-se que esse formato foi se consolidando como modelos, tornando os produtos jornalísticos muito parecidos, conforme lembra o teórico Traquina (2005). Nesse sentido, tem-se como gramática para os relatos jornalísticos uma estrutura que garanta articulação de uma imagem com a notícia apresentada, além da distribuição do texto no *layout* da página ou da tela, de forma que promova nos leitores (público) o desejo de ler, ouvir ou ver o que é noticiado. Para o referido autor, essas escolhas configuram-se como um *ethos* jornalístico, que funciona de maneira que o cumprimento das regras pré-estabelecidas resulte no maior bem profissional possível para um jornalista ou veículo de comunicação: a credibilidade (TRAQUINA, 2005, p. 132).

Nessa lógica textual, a linguagem deve ser compreensível, expondo os acontecimentos com frases e parágrafos curtos, por meio de palavras simples e de uma sintaxe direta, econômica e concisa. Pois, essencialmente tem por intencionalidade divulgar periodicamente as últimas notícias, de forma que seja interessante ou apelativa. A seção de noticiário é entendida como um bem altamente precível, exigindo o imediatismo na produção de relatos. Em uma análise aprofundada dessa questão, Traquina (2005) afirma que a própria rotina exigida para que se realize apuração, produção e

veiculação de um produto noticioso sempre foi um dos grandes obstáculos da profissão, especialmente no que concerne ao tempo.

A todo discurso jornalístico é imposto que ele seja, quanto ao aspecto gramatical, coeso; e, no que diz respeito ao aspecto semântico, coerente. Há também outros fatores extralinguísticos ou pragmáticos responsáveis pelo sentido, esses são verificáveis nas relações entre a produção discursiva e sua recepção, tais como: intertextualidade, informatividade, situacionalidade, aceitabilidade e intencionalidade, conforme lembra Costa Val (1991):

O contexto sociocultural em que se insere o discurso também constitui elemento condicionante de seu sentido, na produção e na recepção, na medida em que delimita os conhecimentos partilhados pelos interlocutores, inclusive quanto às regras sociais de interação comunicativa. (p. 1)

Esses fatores pragmáticos estão presentes também na materialização da notícia. Por exemplo: no oferecimento de um realismo gráfico para maior *aceitabilidade* da informação; na criação de um ambiente que informe a *situacionalidade* do ocorrido, por meio da utilização de palavras concretas, descrição detalhada e registro fotográfico da cena ou de elementos dela, para transmitir a sensação de que o jornalista esteve presente no evento, confirmando a informatividade da notícia; na observância da referencialidade de outros fatos anteriormente ocorridos – quando o jornalista busca em outros jornais ou fontes documentais informações para a notícia, estabelecendo a *intertextualidade* ou *interdiscursividade* com outras mídias.

A partir de tais explicações, é possível refletir que a neutralidade dos jornalistas quanto a sua intervenção nas notícias é uma falácia.

2 A pirâmide invertida para noticiar

Realizar uma pesquisa tendo como objeto de estudo notícias acerca de violências sofridas por travestis, necessita-se voltar para os artifícios e estratégias utilizados pelo jornalismo. Sobre a coesão e coerência destaca-se que as frases para os títulos e subtítulos devem ser curtos, devendo abordar a ideia central da notícia. Pois, esta deve ser compreensível ao comunicar,

Linguagem, Cultura e Ensino

atravessando as fronteiras das classes sociais, étnico-raciais, políticas e sociais (TRAQUINA, 2005).

Além desses aspectos linguísticos, o texto jornalístico possui outras características próprias, que são utilizadas a critérios do jornalista, mas que possuem um caráter genérico, a exemplo, a pirâmide invertida que consiste em trazer as informações mais importantes a partir do título, sendo as informações de menor relevância para o jornal dispostas no corpo do texto, sem destaque.

A constatação é de que a imprensa utiliza os códigos: Linguístico(texto) e icônico (ilustrações), mas inclui um código misto (título), que embora reproduzindo o linguístico, funciona, de certo modo, como código icônico na estrutura do jornal. Desta forma, a opção foi estabelecer três categorias básicas: texto, título e ilustração (fotos, charges, desenhos, gráficos, charges etc.) (TUZZO, 2011, p. 61).

Nesse formato hierárquico, reconhece-se a importância da construção do título das notícias, esses devem apresentar a síntese da ocorrência, podendo colocar “a ilustração em destaque.” (TUZZO, 2011, p. 61). Entretanto, há informações básicas que não podem faltar na organização do gênero notícia, são elas: o fato ocorrido (O quê?’); o sujeito envolvido (Quem?’); o momento do fato (Quando?’); o local do fato (‘Onde?’); o modo como o fato ocorreu (‘Como?’); e a causa do ocorrido (‘Por quê?’).

A atividade jornalística é desenvolvida por equipe composta por jornalista, alguém com habilidade em gestão de bases de dados; repórter especialista na lei de acesso à informação; programadores, analista de dados e *designer* responsável pela visualização. Essa estrutura se modifica de acordo com o tamanho da empresa; assim, é preciso destacar que no jornalismo independente ou comunitário, que tem conquistado espaço devido à expansão da internet, algumas funções são terceirizadas, não se impondo mais a necessidade de se trabalhar em um mesmo local – na redação.

No desenvolvimento desse ofício, o jornalista atua como um intermediário entre a informação/acontecimento e o consumidor final dessa informação/notícia, o público. Assim, o jornalista decide quais notícias serão publicadas, as que merecem destaque e quais não devem ser divulgadas. Além de ‘peneirar’ as informações, a utilização de figura de linguagem é um fator que fica a cargo do jornalista que escreve a matéria, isto é, o responsável pela narrativa do noticiário.

3 Noticiário: produto midiático e recepção

Quanto ao lugar do leitor desse produto midiático, vale ressaltar pensamentos de Castells (2015) e de Thompson (2011). Para o primeiro teórico o processo de recepção não é algo estático, no qual o leitor recebe a mensagem e a absorve sem que essa passe por processos críticos ou influência de suas ideologias. Para o segundo, deve-se abandonar a ideia de que os destinatários das mensagens sejam espectadores passivos, aconselhando que se deve descartar a suposição de que “a recepção em si mesma seja um processo sem problemas, acrítico, e que os produtos são absorvidos pelos indivíduos como uma esponja absorve água.” (THOMPSON, 2011, p. 51).

Apesar da interpretação da mensagem ser um processo individual, é dependente das conjunturas em que os sujeitos estão inseridos. Esses determinantes culturais constituem-se em práticas de linguagem e de sentido (SANTAELLA, 2006). Sendo a cultura pensada como um conjunto de valores e crenças que informam, orientam e motivam o comportamento das pessoas (CASTELLS, 2015), pois todo fenômeno cultural só funciona porque é também um fenômeno de comunicação, nesse caso, a informação, um capital simbólico da humanidade, que precisa ser disponibilizado a todos, de forma ética e responsiva.

Para não se cair nesse tipo de manipulação, Marcondes Filho (2009) diz que cada leitor deve buscar o seu próprio repertório, seja evocando algum acontecimento semelhante com diferentes resultados (memória), algo que ele experimentou (vivência) ou pelo enquadramento do que está sendo noticiado (contexto), pois nenhuma notícia em sua essência é pura, sem a atuação de dispositivos de manipulação passiva, ativa ou ainda uma “reserva de informação anterior” (p. 183) dos membros da comunidade jornalística, uma vez que, “o jornalista lança mão da rede de significações e interpretações da qual ele próprio dispõe, de forma a garantir que aquele acontecimento faça sentido, no âmbito social e cultural, para o público” (GOUVÊA, 2015, p. 206), arquitetando um capital simbólico nessa mídia.

Na contemporaneidade, os recursos proporcionados pela expansão das redes e meios de comunicação no contexto digital têm acentuado o alcance do público ao jornalismo, além de impulsionar algumas mudanças na maneira de se fazer jornalismo, pelo menos em alguns aspectos, pois o jornal

trouxe muitos aspectos da produção do meio impresso para audiovisual e o digital. É consenso afirmar que no contexto digital realizou-se adaptações no jornalismo, principalmente nos jornais menores, como a adoção de “uma comunicação mais particular, individual do que dos grandes jornais voltados para uma grande audiência.” (CHISTOFORI, 2006, p. 63)

4 Texto jornalístico e cultura digital

A interatividade é outra das marcas importante da internet, pois permite, não só a intervenção no debate, como a possibilidade de obter um *feedback*, permitindo “aos cidadãos solicitar informação, expressar a sua opinião e pedir uma resposta personalizada aos seus representantes”. Qualquer pessoa pode selecionar, organizar e transmitir informação que instantaneamente fica acessível a todos, numa escala global. A cultura comum “da sociedade global em rede” [como] uma cultura de protocolos de comunicação que permitem a comunicação entre “culturas diferentes com base não em valores compartilhados, mas sim no compartilhamento do valor da comunicação”. (CASTELLS, 2015, p. 84).

A cultura digital aponta para outras lógicas de interação, ainda que seja o gênero discursivo a notícia. Nesse sentido, faz-se necessário entender como funciona a comunicação em rede, atentando-se para a produção e circulação do texto jornalístico no ambiente digital. Para Castells “uma rede é um conjunto de pontos, os “nós”, interconectados, ou seja, elementos que se comunicam entre si - e, por conta disso, toda rede é uma estrutura complexa de comunicação, na qual os vários nós interagem em múltiplas ligações.” uma vez que a rede é formada por atores e é interligada por nós: “em termos de estrutura, uma rede é formada por atores que, por sua vez, se ligam em nós.”. E, “os atores não precisam necessariamente serem humanos: uma empresa pode ser considerada um “ator”, no âmbito das redes, está ligada à “ação” ”(CASTELLS, 2015, p. 100).

Assim a publicação de uma notícia em um contexto digital possibilita que na sua circularidade seja criada uma rede de “nós” e de “atores”, que na perspectiva de Castells (2015, p. 100), formaria uma rede social digital. Sendo o *site* de uma rede social “uma espécie de “nó de nós”, mas, ao mesmo tempo, também é um nó quando pensado no conjunto da

internet - que, não custa lembrar, é uma “rede de redes”, isto é, uma nova forma de organizar as atividades econômicas, social e política.

De tal modo, para Castells (2015) essa sociedade em rede promove a transformação do espaço, do tempo, do trabalho, da cultura e dos sistemas sociais, tais como o sistema familiar patriarcal, bem como, a substituição de políticas midiáticas e aumento da autonomia individual dos sujeitos sociais. Para o autor, há a reconstrução da sociabilidade ainda que seja por um individualismo conectado, que formaria comunidades que possuem ideias semelhantes, gostos e particularidades em processos de interação no ciberespaço e no espaço local. As tecnologias em rede, nessa perspectiva, o suporte para essa nova estrutura social e para essa nova cultura, pois a comunicação está inserida na sociedade em rede global, “na medida em que a globalização é uma rede de redes” (CASTELLS, 2015, p. 37-38). Porém, considera-se que, com a globalização das informações, acentua-se o seu poder de influência e de reafirmação de ideologias, apesar da complexidade do processo de recepção e imprevisibilidade de respostas comuns, conforme analisa Thompson (2011):

O significado ou o sentido de uma mensagem deve ser visto como um fenômeno complexo e mutável, continuamente renovado e, até certo ponto transformado, pelo processo de recepção, interpretação e reinterpretação. Mas estes limites são amplos e deixam largos espaço para a possibilidade de que, de um indivíduo ou grupo de indivíduos para outro, e de um contexto sócio-histórico para outro, a mensagem transmitida por um produto da mídia possa ser entendida diferentemente. (p. 70)

Não se pode ignorar que a mídia possui artifícios para atuar como influenciadora da opinião pública, pois “é inegável o papel relevante da mídia na formação da opinião pública, pelo menos, para grande parte da população.” (TUZZO, 2011, p. 56). A forma como as informações estão dispostas, o discurso construído, as imagens relacionadas e a reprodução de uma mesma imagem em outras plataformas e meios de comunicação agem como um fator condicionante para propaganda de uma mesma ideia.

Ao se considerar que a mídia tem peso, no que diz respeito a formação da opinião pública, pelo menos para uma maioria que não dispõe de um olhar crítico sobre o que se está lendo, vendo e ouvindo, infere-se que

Linguagem, Cultura e Ensino

esse tipo de leitor está mais propício a reproduzir discursos de discriminação e de exclusão, conforme opinião de Tuzzo (2011).

Diante dessas considerações, cabe refletir sobre o poder simbólico que há no anúncio acerca de crimes e mortes de travestis na Bahia, conforme observação de Bourdieu (2002), o poder simbólico é “invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem.” (p.7-8.). Considerando, assim, que o poder permeia as construções dos discursos jornalístico, reflete-se sobre a reprodução de violências na construção de notícias que abordam criminalidade e população travesti.

Sendo assim, na interpretação das discursividades de noticiários do jornalismo policial do *Liberdade News: a força da notícia*, um dos *web jornais* que circulam na Bahia, elegeu-se por *corpus* 14 notícias veiculadas entre o período de 2010 a 2020, com vistas a descrever de forma quanti-qualitativamente a materialização de violências simbólicas. Embora não haja uma intencionalidade explícita; justifica-se essa hipótese pelo enquadramento do jornalismo em uma lógica gramatical que tem sustentado exclusões respaldas no patriarcado e no machismo estrutural.

A sistematização dos dados, em perspectiva quanti-qualitativa, apoiou-se na fundamentada teórico-metodológica da *filosofia da linguagem* (BAKHTIN, 1977), da *arqueologia do saber* (FOUCAULT, 1990) e da *linguística textual* (COSTA VAL, 1991) e no instrumento de mineração de dados, no aplicativo *Voyant Tools*.

5 Análises Quanti-qualitativa dos discursos jornalísticos

Para realizar reflexões sobre o discurso de violência, optou-se primeiramente em identificar as palavras-chave eleitas nas 14 chamadas dos noticiários jornalísticos, refletindo acerca das relações de sentido nelas presentes. Sendo assim, sistematizou-se os títulos dos noticiários, por meio do aplicativo *Voyant Tools*, que é uma ferramenta de pesquisa no campo das ciências sociais, o que possibilitou uma leitura quantitativa de ocorrência de termos, de rede de sentidos e de correferencialidades atribuída ao termo travesti no contexto do jornalismo policial.

O *Voyant Tools* foi desenvolvido por dois professores canadenses: Stéfan Sinclair – do departamento de Humanidades Digitais da Universidade McGill (Canadá) e Geoffrey Rockwell – do departamento de Filosofia e Ciências Humanas na University of Alberta (Canadá) e atual diretor do Kule Institute for Advanced Study. Além da possibilidade de traduzir informações discursivas em linguagem objetiva, por meio da tecnologia de pesquisa, estabelece-se uma hermenêutica, conforme a interpretação computadorizada de informações da área das Ciências Humanas. Hermenêutica entendida como processos associativos que conduzem a uma organização de sentidos, ainda que incompletos pela complexidade da temática, funcionando como um “mapa mental” de possíveis respostas às questões problema já apresentadas.

No âmbito dessa pesquisa, o *Voyant Tools* permitiu que se trabalhasse com as anotações já realizadas no editor de texto Word e com textos recortados do referido jornal online. Dentre as informações geradas pelo referido aplicativo tem-se a relação quantitativa de ocorrência de palavras-chave relacionadas às notícias acerca de violência a travestis, do período de 2010 a 2020, sistematizadas em gráficos com distribuição de ocorrências de termos e exibições dessas em gráfico de linhas e de bolhas, permitindo a extração de características do corpus analisado e a ampliação de probabilidade de descrições e análises.

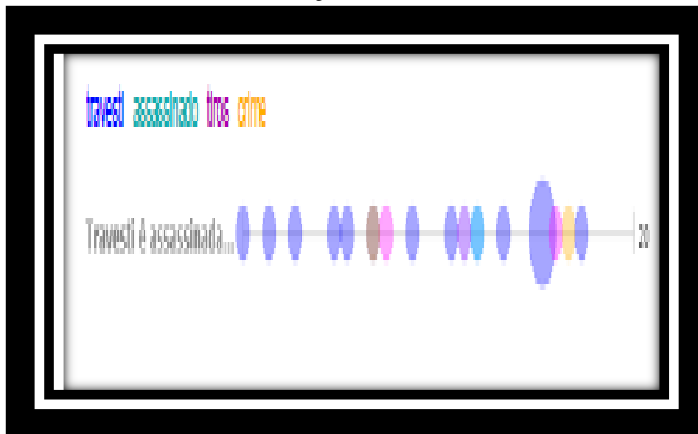
Nesse sentido, registrou-se na função “leitor” do aplicativo os títulos das quatorze manchetes – corpus de análise, organizadas em um único bloco, que em grupos totalizou 169 palavras. Nesse novo texto, verificou-se uma gramática monológica na escolha das palavras-chave, ou seja, um modelo em que todas as notícias são organizadas tendo por centralidade a palavras travesti, conforme ilustração abaixo:

em que atores sociais (CASTELLS, 2015), nesse caso, as travestis são associadas a agressões. Conforme a exposição dos fatos, naturaliza-se a violência e influencia-se a opinião pública com a reiteração da ideia de que ser travesti é estar vinculada ao mundo do crime e do homicídio.

Nas 14 chamadas de notícias, verificou-se também a ocorrência da palavra travesti, 13 (treze) vezes, dentre as 14 notícias; em segundo lugar, com 6 (seis) ocorrências, há um conjunto de palavras, que denominam o “assassinado”, registrado por “morto/morta/homicídio”, em que se explicita que as formas de cometer os assassinatos são por arma de fogo (a tiro) e arma “branca”, “facada” e paulada.

Sobre os atores que cometeram tais crimes, não há informação nessas manchetes, conforme se percebe no gráfico de bolhas. Assim, na bolha lilás maior, observa-se o vocábulo em destaque - travesti, e ao termo associa-se a palavra crime, seguida de tiros e assassinato.

Gráfico 2: Correlação ser travesti e violência



Fonte: Dados da pesquisa (2021)

As bolhas lilás informam que, dentre as 14 manchetes, dez informam que as travestis foram assassinadas. São vinte palavras que expressam violência física, em 75% dos casos são homicídios. Esse gráfico revela ainda que a ausência de políticas públicas para esse grupo acentua a sua

Linguagem, Cultura e Ensino

vulnerabilidade, expondo que essas pessoas se utilizam da prostituição como fonte de renda e de sobrevivência, portanto, são mais suscetíveis à violência, conforme a sequência de descrições de crimes a corpos travestis:

é assassinada a facadas
corpo no IML de Teixeira encontrado morto em terreno baldio
é morta dentro de casa
é morta a tiros
[...]é baleado por motoqueiros
é assassinado a tiros
é assassinado na cidade
é espancada a paulada
matar o travesti
é morto a tiros
é ameaçado com uma faca

Essa tendência está ilustrada no gráfico n. 2, no qual informa-se a frequência de ocorrência durante esses dez anos. Entretanto considera-se que há subnotificação na pauta jornalística, pois nem todos os casos de violência nesse contexto são registrados, conforme os dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais de 2021, pois a instituição informa que 175 mulheres trans e travestis foram assassinadas em 2020 no Brasil, representando um aumento de 41% em relação ao anos anteriores. (ANTRA, 2021)

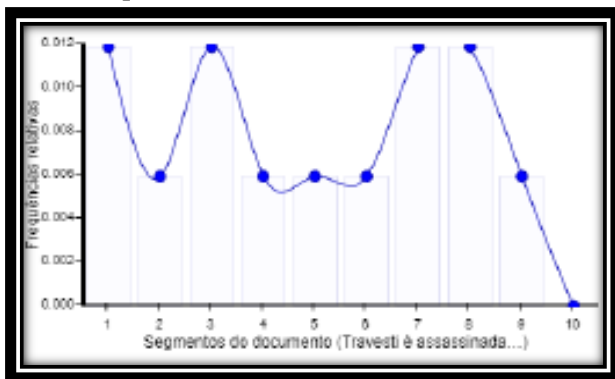
O pesquisador Dias (2008) acerca da violência em jornais de pequenos portes revelou que 70% do público que consome esse tipo de narrativa tem baixa escolaridade e politização, o que tem impulsionado os jornais a desconsiderarem a relevância de se apresentar abordagens mais críticas acerca de temas tão urgentes como segurança pública, optando por uma narrativa cada vez mais superficial e burlesca.

5.1 O Machismo Estrutural na base do discurso da violência

Machismo estrutural, na perspectiva de Bourdieu (2002), é explicado como um fenômeno social, político e social, que se dá pela crença arraigada de que os machos são superiores às mulheres. E, aqueles(as) que performatizam feminilidade são alvos de violência, sendo confirmada essa transfobia nos dados apresentados no gráfico em linha abaixo, em que no topo tem-se a incidência de assassinatos, conforme já exposto nas análises

anteriores, informando, assim, que a violência de gênero é uma constante nos discursos acerca de travestis.

Gráfico 3: Frequência de assassinatos de travestis (2010 – 2020)



Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Essa repetição de ocorrências de atos violentos, com picos mais altos para assassinatos, conforme ilustra o gráfico n. 3, conduz a pensar no poder belicoso e simbólico que tem sido exercido em corpos marginalizados, especificamente em travestis, em certa medida, com a cumplicidade da sociedade, que é homofóbica, revelado nos discursos jornalísticos, que também reproduzem essa violência, quando explicitam que os crimes têm por motivação ciúmes dos agressores, conforme informações nos títulos dessas três notícias.

Travesti de 17 anos é morta em Ibicaraí: parceiro confessa crime e alega ciúmes.

Travesti é morto a tiros a polícia acredita que o crime é passional.

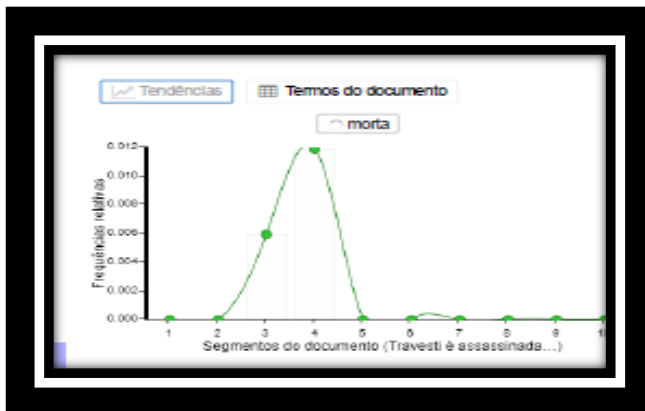
PM apreende menor apaixonado por travesti após este ameaçá-lo com uma faca.

Ao se avaliar o juízo de valores emitida pelo jornalista nessas enunciações, infere-se que esse jornalismo policial tem se estruturado por uma gramática enunciativa de revitimização da pessoa agredida e assassinada, ao considerar que o crime tem uma motivação deliberada pela própria vítima, como por exemplo por provocar “ciúmes”. Nesse sentido, os jornalistas dessas narrativas têm olhado para as violências com seus “óculos” (TRAQUINA, 2005) culturais, carregados de preconceitos e juízos de valores, em que se associa travesti a prostituição, portanto cúmplice de sua própria agressão. Um discurso disciplinador que pouco contribui para a cidadania.

5.2 Discursos excludentes: a tônica jornalística

No gráfico abaixo, buscou-se identificar a ocorrência do ponto alto da notícia, sendo a palavra “morta” lida como a palavra de maior impacto na correlação do sujeito da informação: *travesti* a violência. Nesse modelo de redação textual adotado por esse jornal, todas as vítimas passam a ter a sua identidade - sujeito político, cultural, social - negada, já que são referidas apenas por sua identidade de gênero. Na avaliação de Bruna Valim (2019), **deve-se referir, primeiramente, ao nome da pessoa, pois a identidade de gênero é de cada uma e só a pessoa deve compartilhá-la, acrescentando que o nome da pessoa deve vir antes de tudo.**

Gráfico 4: Tendência das notícias



Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Conforme se observa os textos jornalísticos têm por intencionalidades informar sobre o assassinato de travesti, entretanto o que prevalece é o termo que faz relação à identidade de gênero da vítima, ignorando-se a complexidade que envolve cada sujeito, que, por si só, é “político, histórico, cultural e comunicante, com capacidade de decisão, autonomia.” (MEDINA, 2019, p. 14). Nesse caso, seria conveniente ouvir das travestis o que elas pensam sobre esses noticiários. e espera-se também de quem produz tais narrativas a responsabilidade, diante do potencial formativo que o jornalismo transporta, rompendo com um jornalismo tendencioso, conforme revela o gráfico acima.

Considerações Finais

As interpretações dessas enunciações conduzem ao debate das ideologias presentes no texto jornalístico, atribuindo à essa mídia a necessidade de avaliação de suas práticas discursivas, em face da potencialidade da eleição das palavras na formação da opinião pública. Entende-se, nesse contexto, que a mídia tem um *poder simbólico*, conforme conceitos apresentados por Foucault (1977) e Bourdieu (2002), em que o

Linguagem, Cultura e Ensino

poder não é uma coisa, não é algo que se possui, que se ganha ou que se perde, mas sim, uma possibilidade que todos possuem, e que é exercido. E o poder surge nas relações sociais e é por elas criado, sustentado e reproduzido, nesse caso, pela linguagem jornalística.

Acredita-se que a violência de gênero no contexto midiático configura-se como uma violência simbólica, capaz de formatar comportamentos intolerantes e agressivos quanto à diversidade de gênero. Se as notícias ajudam a consolidar estereótipos e preconceitos, elas também podem ir na contramão dessa lógica perversa e violenta. Pois, a mesma tecnologia que permite a transmissão de informações de forma mais fluida, com abrangência expressiva de participação do público, pode colaborar na desconstrução da transfobia, assentando o jornalismo junto às pautas de direitos humanos.

REFERÊNCIAS

ANTRA. *Dossiê dos assassinatos e da violência contra pessoas Trans em 2020*. Disponível em: <<https://antrabrazil.org/assassinatos/>>. Acesso em: 15 de mar. 2021.

BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da Criação Verbal* [tradução do francês para português por Maria Emsantina Galvão G. Pereira; revisão da tradução por Marina Appenzeller] 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. [tradução Maria Helena Bertrand] 11. ed. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <file:///C:/Users/Alinesoer/Downloads/BOURDIEU_A%20domina%C3%A7%C3%A3o%20masculina.pdf>. Acesso em: 20 de jun. 2019.

CHISTOFORI, Elaine Cunha. O jornalismo do futuro: o processo de comunicação do jornalismo digital. Juiz de Fora: UFJF, FACOM, 1.sem. 2006. 88 folhas. In: *Projeto Experimental da Faculdade de Comunicação Social*. Disponível em: <<https://www.ufjf.br/facom/files/2013/04/ECChistofori.pdf>>. Acesso em: 24 de mar. 2021.

CASTELLS, Manuel. *O poder da comunicação* [tradução de Vera Lúcia Mello Josielyne; revisão de tradução de Isabela Machado de Oliveira Fraga]. São Paulo/ Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

COSTA VAL, Maria da Graça. *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

DIAS, Ana R. F. *O discurso da violência*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. [tradução de Luiz Felipe Baeta Neves]. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

GOUVÊA, Gabriella N. Desvelando as estratégias narrativas das notícias: estudo temático do Jornalismo. In: JORGE, Thaís de M. (Org). *Notícia em fragmentos*. Florianópolis: Insular, 2015.

JORNAL Liberdade New: a força da notícia. Disponível em: <<https://liberdadeneWS.com.br/>>. Acesso em 10 de jun. 2020

MARCONDES FILHO, Ciro. *Ser jornalista: o desafio das tecnologias e o fim das ilusões*. Coleção Comunicação. São Paulo: Paulus, 2009.

MEDINA, Deicy Yvets Morales. *O Corpo travesti: a memória dos sujeitos comunicantes*. 2019. 184 f. (Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS). São Leopoldo (RS): Unisinos, 2019.

OLIVEIRA, Ana Beatriz Caldas. *Viver e morrer travesti no jornalismo policial: uma análise sobre a desconstrução da identidade trans em portais paraibanos*. Dissertação. 102 f.(Mestrado Programa de pós-graduação em comunicação – PPGC Mestrado em Comunicação e Culturas Midiáticas) UFPB/CCHLA. Caldas Oliveira. - João Pessoa, 2018.

RODRIGUES, Catarina. *Blogs e a fragmentação do espaço público*. Covilhã-Portugal: Labcom Books, 2006.

SANTAELLA, Lúcia. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*/ [tradução de Wagner de Oliveira Brandão; revisão da tradução Leonardo Arritzer]. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

Linguagem, Cultura e Ensino

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional – Volume 2*. Florianópolis: Insular, 2005.

TUZZO, Simone Antoniacci. *Mídia, Cidadania e Poder Político*. 2010. Disponível em: <https://f0ab3d51-36db-40ff-b6d8252e6a5400e1.filesusr.com/ugd/3ecc9a_deb327e93155417a8aa122845cae8fe6.pdf>. Acesso em: 23 de mar. 2021.

VALIM, Bruna. Entrevista Comportamento Transfobia. In: *Revista Marie Claire* (2019). Disponível em: <<https://revistamarieclaire.globo.com/Comportamento/noticia/2019/06/nao-parece-mas-e-transfobia-20-frases-que-voce-nao-deve-dizer-jamais.html>>. Acesso em: 23 de mar. 2021.

VOYANT TOOLS. Disponível em: <<https://voyant-tools.org/>>. Acesso em: 23 de mar. 2021.